



GUARUJÁ: OS SABERES LOCAIS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE CIDADÃ

Mestre Angela Omati Aguiar Vaz¹

Mestre Luiz Maria²

Mestre Márcia Lilian Romano Braia³

RESUMO

A escola sendo um importante instrumento na construção de uma identidade cidadã, em uma cidade como Guarujá, cuja população está em constante crescimento e muitos sem vínculos com o passado da cidade.

Palavras-chave: Guarujá – Educação – Identidade – Memória – Patrimônio Cultural.

ABSTRACT

The school is an important tool in building a civic identity in a city like Guarujá, whose population is growing and without ties to the city's past.

Keywords: Guarujá - Education - Identity - Memory - Cultural Heritage.

Fazer História é levantar o véu da ciência histórica.

Michel de Certeau

Deslizamos da identidade aos pertencimentos, do eu ao nós. Em realidade, eu pelo menos pertenço a uma cultura. Como defini-la?

Michel Serres

¹ Professora e coordenadora do curso de História da Faculdade Don Domênico. Historiadora e pedagoga, pós-graduada em História econômica do Brasil atual: 1930-1985; História; Desenvolvimento econômico e urbanização em São Paulo; Metodologia e Didática do Ensino Superior. Mestre em Educação.

² Professor de Geografia da Faculdade Don Domênico. Graduado em História, Geografia, Pedagogia e Arquitetura. Especialista em Didática para o Ensino Superior e em Geografia. Mestre em Educação.

³ Professora de Didática da Faculdade Don Domênico. Graduada em Psicologia e Pedagogia. Especialista em Metodologia e Didática do Ensino Superior e em Psicopedagogia. Mestre em Educação, Administração e Comunicação.



A identidade é um processo dinâmico de construção de significados culturais, de costumes, valores, crenças e hábitos em constante transformação, que identificam um povo. Sendo múltipla, depende do conhecimento na construção de significados. Nessa perspectiva, a escola é importante instrumento na construção de uma identidade cidadã.

O objetivo deste trabalho é apontar a importância da memória na construção de uma identidade, de uma assinatura, enfim, de uma identificação, tendo como base a cidade de Guarujá, que grande parte da população não tem conhecimento de sua História. Muitos dos habitantes da cidade são frutos de migrações, não tendo conhecimento ou acesso ao Patrimônio Cultural e à História da mesma.

A cidade de Guarujá está localizada na ilha de Santo Amaro, litoral do Estado de São Paulo, a 82 km da capital estadual, São Paulo. Faz parte geograficamente da Baixada Santista formada por nove cidades, sendo as demais componentes Bertioga, Cubatão, Itanhaém, Mongaguá, Peruíbe, Praia Grande, Santos e São Vicente.

A identidade cultural é um processo dinâmico, que se alimenta de várias fontes, no tempo e no espaço, que envolve o compartilhamento de patrimônios comuns como modo de se expressar tais como a religião, o artesanato, os esportes, as festas, os hábitos alimentares e a organização social, entre outros. Os aspectos peculiares de um determinado povo formam a sua identidade. A memória é a base das características culturais que se deseja preservar, fornecendo os elementos para que a identidade se construa e se fortaleça, a partir de elos comuns. A construção de uma identidade consiste no resgate da memória, ou seja, rememorar, ir buscar as origens, as raízes, o âmago da história. Como criar uma cidadania sem o conhecimento? A memória tem caráter primordial nesta construção, apontando os elementos para a sua transformação. Basicamente nos remete ao conceito de reter um dado do conhecimento adquirido e trazê-lo para a mente, conhecimento esse, que se dá a partir de um passado que é consolidado no presente; uma evocação do passado no presente. As lembranças do ontem são perceptíveis quando temos a experiência do reviver de um sabor, um cheiro ou uma imagem. Cria sentimentos de pertencimento e de identidade, mas precisa ser alimentada. É a luta pelo não esquecimento, para que a memória fique sempre viva, preservada e perpetuada, para que as futuras gerações saibam dos acontecimentos, lutas,



conquistas ou perdas por ali passadas. A memória é, portanto, um elemento primordial da identidade, tanto individual como coletiva. É fator do sentimento de continuidade e coerência com o grupo. Como amar sem conhecer? A identidade cultural e a memória se reforçam no sentido que, ao conhecermos as raízes, estamos aptos a compreender a atitude cultural que nos rodeia, e assim tomarmos atitudes cidadãs. A formação cidadã é amalgamada pela memória, elemento essencial da identidade.

A cidade Guarujá, objeto de nossa análise, é permeada de desigualdades, heterogeneidades, diversidades, contradições e tensões, semelhantes em muitos aspectos, as estruturas da própria sociedade brasileira. Como consequência do processo de migrações que a cidade de Guarujá sofreu e sofre, as identidades culturais não apresentam hoje contornos nítidos e estão inseridas numa dinâmica cultural fluida e móvel.

A história do Guarujá está presente em grandes momentos da História do Brasil de modo intenso. Na fase colonial, com a própria chegada de Martim Afonso de Souza e com personagens como Anchieta e Hans Staden. Na fase imperial, com a Armação das Baleias e o comércio de escravos que aqui se fazia, e na republicana, com o Grande Hotel e o Cassino. O fato de a cidade no século XIX ter sido pré-construída em outro país, com madeira nobre, transportada e aqui inteiramente montada, faz com que Guarujá seja *sui generis* na sua concepção e criação, fruto de uma companhia de capital privado nacional, mais tarde encampada pelo governo estadual. A cidade foi criada a partir de um plano de urbanização de uma companhia ligada a empresários que formavam a oligarquia cafeeira. O ousado projeto composto não só das edificações como também da linha férrea, de lanchas para a travessia do estuário de Santos, de dois parques, incluindo um zoológico, piscinas, belvederes, enfim, uma brilhante concepção de turismo que até mesmo para os nossos dias constitui-se moderna e luxuosa, com preços compatíveis aos cobrados hoje nos exclusivos empreendimentos para as classes abastadas.

Com a proibição dos jogos de azar pelo governo federal, perdeu suas alavancas de progresso, que foram o Cassino e o Grande Hotel, a cidade desestruturou-se, mas através das suas belezas naturais e da proximidade com a cidade de São Paulo,



transformou-se por certo tempo na praia dos abastados. O Cassino teve seu fim decretado em 1946 e o prédio do Grande Hotel foi demolido na década de oitenta. Era um projeto do grande arquiteto Ramos de Azevedo.

Os antigos frequentadores do Hotel e do Cassino tornaram-se os proprietários de casas ou apartamentos. Para a construção destes, vieram para a região muitos migrantes, os quais aumentaram as áreas de invasão e as periféricas que mudaram a estrutura da cidade. Este foi o boom imobiliário, ou febre imobiliária dos anos setenta e oitenta do século XX, mas foi na década de 50 que se iniciou o crescimento imobiliário na cidade. Com a corrida aos empregos que se fez primeiramente em função do hotel e do cassino e posteriormente em virtude do *boom* imobiliário da década de setenta, houve um grande afluxo de trabalhadores atraídos pelas facilidades de colocação na construção civil. A migração, principalmente de nordestinos em busca de trabalho, fez com que o número de favelas, em regiões como encostas de morros, manguezais e áreas periféricas aumentasse em demasia, o que ocasionou problemas ecológicos. Estes fatos fizeram com que o perfil da cidade mudasse.

Segundo o IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a população da cidade em 2010, era de 295.752 habitantes, o que resultava em uma densidade demográfica aproximada de 2.034,91 habitantes por quilômetro quadrado, com uma renda média das famílias de cerca de um e meio salário mínimo. Dados do mesmo instituto mostram que nos primeiros cinco anos do presente século, houve um aumento de 23% no número de moradores em áreas de invasão, sendo que só 17% na quantidade de habitantes do município; ou seja, a evolução populacional da população das favelas cresceu vertiginosamente nos anos apontados, gerando carências sociais de difícil solução. Dos 85.036 domicílios particulares ocupados, 26.095 têm aglomerados subnormais, com aproximadamente 95.427 pessoas.

Em relação à educação, com dados também obtidos no IBGE, em 2009, haviam 48.843 estudantes matriculados no Ensino Fundamental e deste total apenas 4.323 no ensino privado. No Ensino Médio, apenas 713 alunos (sendo que em 2007 eram 1.128), contra 11.442 nas escolas estaduais, demonstrando o grande ônus público, com um menor número de alunos com poder aquisitivo para frequentar as escolas particulares. As áreas mais atingidas do setor público, conseqüentemente, são saúde, educação e ação



social, em função da completa destituição do poder aquisitivo da classe social menos favorecida ou por ser esse poder aquisitivo muito baixo. Como exemplo, pode-se citar que há 26 escolas estaduais que oferecem Ensino Médio e apenas cinco privadas, mostrando que a classe média não é tão representativas na atual estrutura da sociedade guarujaense.

As transformações sociais sofridas pela cidade podem ser sentidas, principalmente em relação à segregação habitacional. Atualmente Guarujá comporta mansões ao lado de prédios com apartamentos populares, bairros de ricas moradias e apartamentos luxuosos, de modo estranho, junto de núcleos de favelas que se tornaram um pesado problema social. As áreas de invasões são encontradas em toda a ilha. Inúmeros desses núcleos convivem, não muito pacificamente, com casas ou edifícios luxuosos.

Segundo dados publicados pelo Jornal a Tribuna⁴, projeções populacionais apresentadas pela Superintendência Regional da Sabesp, a população da Baixada Santista crescerá 25,51% até 2030, sendo que Guarujá terá o maior aumento do número de habitantes, na ordem de 33,09%. Atualmente Santos é a primeira cidade mais habitada, das nove que compõem a Baixada Santista. Por estes dados, em 2030, estima-se que Praia Grande ocupará o primeiro lugar, vindo em seguida Guarujá. Mais uma vez a tendência é de que Santos está “empurrando” as populações de menor poder aquisitivo para as cidades no seu entorno, devido as moradias serem mais baratas.

Pelo exposto, podemos verificar que muitos habitantes da cidade vieram em busca de um local de moradia, não especificamente de trabalho, já que muitas oportunidades estão nas cidades vizinhas. Sendo assim, pouco ou nada estas pessoas sabem sobre o passado da cidade, não tendo, portanto, vínculos anteriores com a cidade. Cabe aos órgãos educacionais colocarem em prática o que a Constituição e os Parâmetros Curriculares estabelecem.

A Constituição Federal de 1988 assegura no Artigo 23:

É competência comum da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios:

III – proteger os documentos, as obras e outros bens de valor histórico, artístico e cultural, os monumentos, as paisagens naturais notáveis e os sítios arqueológicos;

⁴ Jornal A Tribuna, 17/05/2009.



IV - impedir a evasão, a destruição e a descaracterização de obras de arte e de outros bens de valor histórico, artístico ou cultural;

V - proporcionar os meios de acesso à cultura, à educação e à ciência;

VI - proteger o meio ambiente e combater a poluição em qualquer de suas formas;

VII - preservar as florestas, a fauna e a flora.

Já nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN de História – temos que a disciplina de História deve:

(...) possibilitar ao aluno refletir sobre seus valores e suas práticas cotidianas e relacioná-los com problemáticas históricas inerentes ao seu grupo de convívio, à sua localidade, à sua região e à sociedade nacional e mundial. Uma das escolhas pedagógicas possíveis, nessa linha, é o trabalho favorecendo a construção, pelo aluno, de noções de diferença, semelhança, transformação e permanência. Essas são noções que auxiliam na identificação e na distinção do "eu", do "outro" e do "nós" no tempo; das práticas e valores particulares de indivíduos ou grupos e dos valores que são coletivos em uma época; dos consensos e/ou conflitos entre indivíduos e entre grupos em sua cultura e em outras culturas; dos elementos próprios deste tempo e dos específicos de outros tempos históricos; das continuidades e descontinuidades das práticas e das relações humanas no tempo; e da diversidade ou aproximação entre essas práticas e relações em um mesmo espaço ou nos espaços.

Os conteúdos de História para o primeiro ciclo no PCN de História enfocam, preferencialmente, diferentes histórias pertencentes ao local em que o aluno vive, dimensionado em diferentes tempos.

Prevalecem estudos comparativos, distinguindo semelhanças e diferenças, permanências e transformações de costumes, modalidades de trabalho, divisão de tarefas, organizações do grupo familiar e formas de relacionamento com a natureza. A preocupação com os estudos de história local é a de que os alunos ampliem a capacidade de observar o seu entorno para a compreensão de relações sociais e econômicas existentes no seu próprio tempo e reconheçam a presença de outros tempos no seu dia-a-dia.

Ao ingressarem na escola, as crianças passam a diversificar os seus convívios, ultrapassando as relações de âmbito familiar e interagindo, também, com um outro grupo social — estudantes, educadores e outros profissionais —, caracterizado pela diversidade, e, ao mesmo tempo, por relações entre iguais. A própria classe possui um histórico no qual o aluno terá participação ativa. Sendo um ambiente que abarca uma dada complexidade, os estudos históricos aprofundam, inicialmente, temas que dão conta de distinguir as relações sociais e econômicas submersa nessas relações escolares, ampliando-as para dimensões coletivas, que abarcam as relações estabelecidas na sua localidade.

Os estudos da história local conduzem aos estudos dos diferentes modos de viver no presente e em outros tempos, que existem ou que existiram no mesmo espaço.

Nesse sentido, a proposta para os estudos históricos é de favorecer o desenvolvimento das capacidades de diferenciação e identificação, com a intenção de expor as permanências de costumes e relações sociais, as mudanças, as diferenças e as semelhanças das vivências coletivas, sem julgar grupos sociais, classificando-os como mais “evoluídos” ou “atrasados”.



No mês de março de 2012, o Ministério da Educação-MEC e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan disponibilizam publicação que promove a educação patrimonial nas escolas brasileiras⁵. A ideia do projeto é que os estudantes realizem inventários dos patrimônios locais nos territórios nos quais as escolas estão inseridas. Ao escolher desenvolver o projeto sobre Educação Patrimonial, a escola receberá recursos do *Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) – Educação Integral* – para aquisição de equipamentos audiovisuais. Desta forma, poderão elaborar e divulgar os inventários produzidos. “Trata-se da construção de uma ação intersetorial entre as políticas públicas educacionais e sociais, contribuindo, desse modo, tanto para a diminuição das desigualdades educacionais, quanto para a valorização da diversidade cultural brasileira, reconhecendo que a educação deve ser pensada para além dos muros da escola, e considerar a cidade, o bairro e os bens culturais como potencialmente educadores, eles próprios.”

O desenvolvimento urbano está aos poucos apagando as reminiscências do passado, e até o nosso passado próximo está se esvaecendo.

As orientações didáticas gerais dos PCNs baseiam-se na ideia de que os conhecimentos históricos tornem-se significativos aos alunos.

“que eles reflitam sobre as vivências e as produções humanas, materializadas no seu espaço de convívio direto e nas organizações das sociedades de tempos e espaços diferentes, reconhecendo-as como decorrentes de contradições e de regularidades históricas. Nesse sentido, propõe-se, para o ensino de História, conteúdos e situações de aprendizagem que possibilitem aos alunos refletir criticamente sobre as convivências e as obras humanas, ultrapassando explicações organizadas a partir unicamente de informações obtidas no presente e a partir unicamente de dados parciais. Propõe-se, assim, que os alunos conheçam e debatam as contradições, os conflitos, as mudanças, as permanências, as diferenças e as semelhanças existentes no interior das coletividades e entre elas, considerando que estão organizadas a partir de uma multiplicidade de sujeitos, grupos e classes (com alguns interesses comuns e outros diferentes), de uma multiplicidade de acontecimentos (econômicos, sociais, políticos, culturais, científicos, filosóficos) e de uma multiplicidade de legados históricos (contínuos e descontínuos no tempo). Para que os alunos dimensionem a sua realidade historicamente é importante que o professor crie situações de aprendizagem escolares para instigá-los a estabelecer relações entre o presente e o passado, o específico e o geral, as ações individuais e as coletivas, os interesses específicos de grupos e os acordos coletivos, as particularidades e os contextos, etc.”

Por que não ensinar pré-história visitando restos arqueológicos? A Ilha de Santo Amaro, onde a cidade de Guarujá está localizada, é rica de sambaquis que, em língua

⁵ O material disponível em <http://bit.ly/iphamaiseducacao> e que também será distribuído às escolas que optarem pela atividade é o primeiro do kit que englobará outros dois.



tupí, quer dizer montes de conchas, que nada mais são do que uma espécie de restos deixados pelos habitantes brasileiros da pré-história, antes dos índios, e concentravam-se principalmente no litoral de São Paulo, até Santa Catarina. Os sambaqueiros viveram na Mata Atlântica entre sete mil e três mil anos antes de Cristo. Composto de conchas de ostras, diversos objetos fabricados, cascas de siris e caranguejos, muitos esqueletos de animais e de humanos, revelando que os povos dos sambaquis costumavam enterrar seus mortos nestes locais. A destruição dos sambaquis aqui e em quase todo o Brasil foi quase total e, lamentavelmente, continua até os dias atuais, por total desconhecimento da importância deles. A atividade de utilizar o material dos sambaquis foi proibida em São Paulo em 1952 e no restante do país em 1961, mas muito já havia se perdido. Estas montanhas de conchas eram utilizadas para produzir ligas de calcário – cal, que eram utilizadas nas construções de pedra desde o Brasil Colônia, servindo para formar a argamassa utilizada na construção dos fortes da região. Os colonizadores portugueses foram os primeiros a destruir os sambaquis, arrancando pedaços dos mesmos e queimando-os para obtenção da cal em instalações chamadas caieiras. Serviram de aterro na construção de estradas modernas e também usado como adubo nas plantações próximas.

Do período colonial, a ilha guarda preciosos vestígios na forma de fortalezas, como a de São Filipe, o Forte do Pinhão (hoje conhecido como Forte ou Farol do Itapema), a Fortaleza da Barra Grande ou de Santo Amaro (do período da união das coroas portuguesa e espanhola) e a ermida de Santo Antônio do Guaibê. Relíquias que deveriam estar sendo mais bem conservadas. Uma visita a uma delas poderia remeter os alunos a histórias dos piratas que por aqui estiveram. Ainda do período mesmo período histórico, a região abrigou engenhos de açúcar e a indústria de extração do óleo das baleias. Na armação do canal de Bertioga, a extração do óleo da baleia destinado à iluminação pública e o aproveitamento dos seus derivados foi a segunda indústria extrativa que funcionou na ilha de Santo Amaro, visto que a primeira havia sido os Engenhos de Açúcar. E nos dias de hoje, qual setor econômico é o mais lucrativo? Como seria vista em nossos dias a matança das baleias? Por que o local foi escolhido para estas atividades? O local para a instalação da armação dependeu de fatores, além da existência das baleias: de proximidade de água potável, de madeira para



os fornos e para a construção das embarcações e tonéis, de enseada abrigada do mar aberto e de um ponto de observação elevado protegido por um forte. Todas as condições foram plenamente satisfeitas no local escolhido. Myriam Ellis⁶ aponta:

[...]quanto ao aproveitamento dos produtos do cetáceo, os mais importantes para o Brasil Colonial foram a matéria graxa fornecedora de óleo e a carne. O óleo tornou-se artigo de primeira necessidade porque dele dependeu a iluminação de centenas de habitações, “fábricas” e “oficinas” pobres principalmente.

Quanto material rico para as aulas de geografia ou história!

A capela que encontramos na região é conhecida como Ermida de Santo Antônio de Guaibê. De pedra e cal, atualmente em ruínas, é tida como sendo a capela quinhentista de Santo Antônio, construída por Adorno, frequentada pelo padre Anchieta que haveria nela rezado missa. Teria sido nesta capela que por volta de 1563 a 1565, teria acontecido o milagre dos anjos, quando Anchieta, mesmo tendo ficado no escuro, a Capela teria tornado-se toda iluminada com as orações do jesuíta, segundo relatos de moradores da região.

Hans Staden, em sua segunda viagem ao Brasil, foi um dos náufragos da expedição do espanhol Senabria. Em São Vicente, foi acolhido pelo alemão Heliodoro Eoban, feitor do engenho do genovês José Adorno. Mais tarde Hans Staden, foi nomeado 1º condestável do Forte São Filipe, onde, em 1554, caiu nas mãos dos índios tupinambás. Assaltado pelos indígenas, foi despido e levado por mar a Ubatuba, quando teve as sobancelhas raspadas e as barbas cortadas. Passou a ser tratado como escravo pelo chefe Iperuaçu ou Tubarão-Grande. Cunhambebe, o chefe maior, foi tratado por Staden com grande consideração e o agradava dizendo como o chefe era temido por todos. De volta à Europa, escreveu o livro *Meu cativo com os selvagens do Brasil*.

Em sua obra sobre as observações na região, mostrou a fauna local, inclusive o bicho-de-pé, que os índios chamavam tunga, os guarás e os cardumes de tainhas (paratis para os índios). Seu livro foi publicado em Marburgo, Alemanha, em 1557. Na primeira parte narra suas aventuras, e a segunda é dedicada à descrição das plantas e animais, usos e costumes dos habitantes e da terra. O filme *Hans Staden* poderia ser uma forma de introduzir aos alunos como era a vida dos índios e de que forma o nosso país chegou ao conhecimento do europeu na época.

⁶ ELLIS, Myriam. *A Baleia no Brasil Colonial*. São Paulo: Melhoramentos, 1969.



Em outra região encontra-se o forte de Pinhão de Vera Cruz ou Farol do Itapema, como é atualmente conhecido, localizado na entrada do distrito de Vicente de Carvalho. Na verdade foi um forte e teve seu tombamento como Patrimônio Histórico e Turístico em 1982. Atualmente sua visitação é proibida. Sua construção verificou-se no século XVI, chamado na época de Forte de Pinhão de Vera Cruz. A fortificação foi levantada sobre as rochas com o objetivo de defender a vila de Santos, pela margem oriental do estuário. Formaria a primeira barreira, e caso fracassassem na defesa, restariam os canhões do antigo Forte da Praça ou Nossa Senhora do Monte Serrat, na margem contrária. Foi importante instrumento de defesa da capitania de São Vicente, tendo também uma cadeia subterrânea que servia para prender soldados rebeldes e invasores. Em 1883 veio a sofrer um incêndio, que o deixou quase totalmente destruído. Confiado alguns anos mais tarde à Alfândega, descaracterizou-se, ganhando em 1908 uma torre com holofotes para fiscalização do cais do porto de Santos. Quantos assuntos poderiam ser tratados estudando a trajetória deste monumento: segurança em época de ataques piratas, proteção em período de guerras ou combate a contrabando.

A Fortaleza da Barra Grande, também chamada Santo Amaro ou São Miguel, erguida em 1584 por ordem do rei Filipe I, pelo almirante espanhol Diogo Flores Valdez, na época quando da união das coroas de Portugal e Espanha; protegeu o estuário de Santos até 1905, quando se tornou sede do Círculo Militar de Santos. Sua construção aconteceu após a invasão de Edward Fenton, pirata inglês, que em 1583 penetrou barra adentro, ocupando o porto santista. Houve combate entre os espanhóis e os piratas de Fenton, sendo que alguns galeões do inimigo foram capturados e a artilharia conquistada serviu posteriormente como parte da usada na futura fortificação.

Em 1590, as tropas do corsário inglês Thomas Cavedish, apesar da existência da fortaleza, através da barra chegou até a vila de Santos, saqueando-a e incendiando São Vicente.

Já em 1615, a frota do holandês Joris Van Spilberguen, como também em 1710 a do francês capitão Francois Duclerc, foram repelidas e os ataques sustados pela proteção da fortaleza. Duclerc encaminhou-se para o Rio de Janeiro.

O grande momento da Fortaleza da Barra Grande foi no século XVIII devido o progresso da Capitania de São Paulo, entre outras coisas com a exploração do ouro.



Durante anos a fortaleza sofreu depredações, remodelações e reformas sucessivamente. Os últimos tiros dos canhões da Fortaleza foram dados em 1893 quando da Revolta da Armada. Em 20 de setembro, o Cruzador República, atirou contra a Fortaleza, seguindo-se fogo cruzado, sendo que alguns danos foram causados às suas muralhas. No ano de 1998, inaugurou-se o painel em mosaico do artista plástico Manabu Mabe, *Vento Vermelho*, na Capela de Santo Amaro, com 20m² e 350 mil pastilhas, uma obra de arte de valor inestimável a ser admirada.

O escravagista Leomil deu nome a uma das mais importantes avenidas do Guarujá, um rico tema para discussão para uma sala de aula.

Da fundação de São Vicente até 1790 a ligação a São Paulo se fazia através das “Veredas dos Índios” e da “Trilha do Padre José”. Depois, até 1827, pela “Calçada do Lorena” e pelo “Lagamar do Cubatão”. De 1827 a 1867 com o “Aterrado do Pantanal” e a “Estrada da Maioridade”.

Seguiu-se então o estabelecimento da via férrea como meio de transporte. Para vencer a serra do Mar, inaugurou-se a São Paulo Railway.

Uma nova linha férrea passou a ser usada em 1897, chamada de “Serra Nova”. Em 1936 foi inaugurada a ligação férrea Planalto-Santos da Estrada de Ferro Sorocabana, hoje Fepasa. Em concreto armado, com túneis e viadutos considerados obras de arte.

Pegava-se o trem na Estação da Luz em São Paulo e descia-se em Santos, perto do prédio da Alfândega, onde havia barcos até a ilha de Santo Amaro. Só aí se pegava o trenzinho, cujos trilhos cortavam plantações de bananas.

A ligação através de barcas para pedestres, entre o centro da cidade de Santos e Vicente de Carvalho, passou a ser feito em 1910, com o embarque na Praça da República em Santos, chegando ao Pontal da Barcas, em Vicente de Carvalho, no mesmo local até hoje. Já a ligação de barcas para pedestres, ligando Ponta da Praia em Santos à Vila Ligia em Guarujá, foi inaugurada em 1971, quando ficou proibida a circulação de passageiros a pé nas balsas para carros.

A ferrovia do Guarujá, a do trenzinho, funcionou até 1959, com a locomotiva virando monumento.



O sistema de *ferry-boat* foi inaugurado em 1918 com o grande uso de automóveis. Por volta de 1930, a FB-1, uma balsa com espaço para aproximadamente sete carros, começou a circular. Somente em 1946 o Estado passou a comandar a travessia, sendo que nos dias atuais o sistema é terceirizado.

De 1908 a 1923, o período caracterizou-se pelo percurso por meio de automóvel.

Para chegar ao Guarujá podia-se também fazê-lo por ar, como o faziam Edu Chaves⁷, Anésio Amaral Filho e outros. E hoje, quais os meios que dispomos para chegarmos até a ilha, quais os estudos que estão sendo feitos em relação a ligação seca entre a ilha e Santos, túnel ou ponte? E a possibilidade do aeroporto metropolitano?

Através da história a cidade, outros assuntos interessantes poderiam entrar na sala de aula, como por exemplo, o nascimento de uma cidade. O Sr. Elias Fausto Pacheco Jordão era engenheiro civil, formado em 1874 pela Universidade de Cornell, nos Estados Unidos. Em 1892 foi constituída a companhia Balneária da Ilha de Santo Amaro, ficando como presidente o Dr. Elias, com a intenção de instalar a Vila Balneária do Guarujá. Comprou então o sítio “das Laranjeiras”, hoje centro do Guarujá, na praia das Pitangueiras. Nessas terras, instalou o Dr. Elias a sua vila projetada entre 1892 e 1893, para mais tarde incorporar as terras do sítio “Glória”, adquiridas do Dr. Vicente de Carvalho. Foi encomendada por Elias Fausto, através da Cia. Balneária da Ilha de Santo Amaro, uma cidade completa nos Estados Unidos, de pinho da Geórgia, composta de: um hotel com cinquenta quartos, dois andares, uma enorme varanda, mirantes em três torres, sala de refeições, sala de estar, sala de leitura, bar e demais dependências, uma igreja, um cassino e mais quarenta e seis casas de residência, os chamados chalés da Geórgia. Estes chalés possuíam dois pavimentos. Nenhum restou, mas há fotos sobre os mesmos.

Ao assumir a presidência da Companhia Balneária, elaborou (Elias Fausto) um plano que reproduzia, em grande parte, os projetos das cidades novas norte-americanas das regiões pioneiras e, de modo especial, alguns empreendimentos turísticos mais sofisticados, da região de Rhode Island. [...]

⁷ Edu Chaves, constantemente mencionado pelas pessoas que viveram na época, era um aviador respeitado por , entre outros feitos, ter levantado vôo do Campo dos Afonsos, no Rio de Janeiro, em 25 de dezembro de 1920 e chegado a Buenos Aires no dia 29 do mesmo mês e ano, batendo recorde de velocidade para a época.



Eram ruas inteiras de construções importadas em pedaços e montadas no local. De início, até mesmo cercas, à frente dos terrenos e os portões eram de madeira, com feição estrangeira. Quem percorresse o Guarujá naqueles tempos poderia se acreditar no oeste americano. As casas tinham partes das estruturas de madeira aparentes e cobertura com telhas tipo Marselha. As paredes eram arrematadas com tábuas horizontais. Os chalés apareciam como novidades e eram registrados nos cartões-postais.⁸

Não são muitos os moradores do antigo Guarujá que viveram ou trabalharam no Grande Hotel ou no Cassino que estejam vivos ou lúcidos.

Paul Thompson analisa:

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo [...] Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato – e, pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações.⁹

O costume era de banhos rápidos de mar, logo cedo, com as pessoas de mãos dadas, em frente ao hotel, onde havia boias amarradas a pilastras, com salva-vidas de plantão para alguma eventual emergência. Fotos da época poderiam ser comparadas às de hoje para serem analisados aspectos como vestimentas e comportamentos.

Outra personalidade brasileira que frequentava a cidade era Monteiro Lobato. O escritor não concordava com o estilo estético de Anita Malfatti, e classificou sua pintura como “caricatural”. Outros modernistas voltaram-se contra ele, como Oswald de Andrade, Mario de Andrade e Di Cavalcanti. Quando da Semana de Arte Moderna de 1922, Lobato isolou-se jogando xadrez nas praias do Guarujá.¹⁰

O ex-presidente Jânio Quadros morou no Guarujá, mais precisamente na Rua São Paulo, no bairro da Enseada.

Uma figura da nossa história, Santos-Dumont¹¹, viveu seus últimos momentos no Guarujá, mais precisamente no Hotel La Plage, onde se suicidou no dia 23 de julho de 1932. Não noticiaram como aconteceu o óbito, apenas que havia ocorrido por volta

⁸ REIS FILHO, Nestor Goulart, *op.cit.*, p. 51.

⁹ THOMPSON, Paul. *Op. cit.*, p.22.

¹⁰ NICOLA, Jose de. *Literatura Brasileira das origens aos nossos dias*. São Paulo.:Scipione, 1999, p.267.



das doze horas e que o mesmo estava hospedado no Hotel La Plage há cerca de um mês, completando com citações de passagens da vida de Santos-Dumont.

Todos os citados poderiam tornar-se temas ricos de pesquisa, contextualizando épocas, costumes e fatos.

O carro funerário que transportou o inventor ainda está conservado. Um Chevrolet 1929, com motor Ramona de seis cilindros, com as características originais preservadas. Pertenceu a uma funerária, posteriormente doado ao Ministério da Aeronáutica, que o repassou à Prefeitura de Guarujá.

Após a extinção do jogo no Brasil, com o Decreto-Lei 009.215, de 30 de abril de 1946, que proibiu a prática ou a exploração de jogos de azar em todo o território nacional, os destinos do Cassino e do Grande Hotel ficaram comprometidos. A manutenção do hotel era dispendiosa, e durante algum tempo abrigou o Correio. Em 1959 aconteceu a falência do Grande Hotel, e na década de sessenta, mais precisamente em 1962, começou a demolição do hotel, e na de oitenta, a do cassino. Hoje, no local temos alguns espigões e um pequeno parque de diversões. Do lugar antes frequentado por empresários, políticos, membros da alta sociedade e artistas, restaram lembranças. Móveis, luminárias, baixelas, objetos em geral foram leiloados e espalhados.

Após a demolição do Grande Hotel, foram construídos no local, vários edifícios de apartamentos e um conjunto comercial chamado Rilo Center. As dependências da piscina foram demolidas, só permanecendo a piscina propriamente dita, que passou a ser uma das duas piscinas do Clube da Orla. Hoje ali funciona o Shopping La Plage e no local da piscina aterrada fica um pátio externo do shopping. Onde estava o cassino, há um terreno ocupado por edifício.

Do Guarujá do século XX, não se pode deixar de escrever sobre Don Domênico Rangoni, padre italiano que chegou ao Guarujá em 1954 e até a sua morte em 1987, dedicou-se a modificar socialmente a cidade. Nasceu em 1915 e ordenado Sacerdote, a 29 de junho de 1938, na Catedral de Turim, na Itália. Foi vigário da Paróquia Nossa Senhora de Fátima e Santo Amaro de 6 de março de 1954 a 5 de janeiro de 1976. Recebeu o título de Cônego do Bispo Diocesano Dom Idílio José Soares. Costumava conseguir o dinheiro para suas obras dos que frequentavam a cidade, não importando a religião deles, inclusive de israelitas e muçulmanos. Nos salões de jogos



de carteados que continuaram a existir na cidade, sob a forma de clubes, e também no prédio do chamado cassino novo, Don Domênico cumprimentava os jogadores conhecidos seus e já ia separando as fichas, que eram “a contribuição para os nossos pobres e as nossas criancinhas”, como dizia. Finalizou a Igreja Matriz de Guarujá, construiu a Capela São Paulo na Praia da Enseada, a Capela Cristo Rei na Praia de Pernambuco e fez as melhorias da Capela de Vicente de Carvalho. Preocupado com as grávidas que tinham que ir para os hospitais de Santos, construiu uma maternidade, inaugurada em 1962, com 100 leitos. Desta maternidade surgiu o Hospital Santo Amaro, em homenagem ao Padroeiro da cidade. É importante citar a grande contribuição do Cônego para a educação de Guarujá, construiu a Faculdade Don Domênico, que expandiu para o colégio com o mesmo nome. Os primeiros centros comunitários a funcionarem na cidade, foram concebidos por ele. Seu trabalho foi reconhecido até mesmo pelo Papa João Paulo II, que em 1983 lhe concedeu uma bênção e elogios por seu trabalho social. O corpo de Don Domênico está enterrado nas dependências do Hospital Santo Amaro que tanto ele construiu e amou. Como está a saúde da cidade nos dias de hoje? Há a necessidade de novos equipamentos hospitalares?

O Forte dos Andradas ou Monduba, seu primeiro nome, está situado no Bairro do Guaiúba, na costa do mar, à entrada da Baía de Santos. Sua construção foi iniciada em 1938 e a inauguração em 10 de novembro de 1942, tendo sido considerado nos seus dois milhões de metros quadrados como uma das mais perfeitas localizações para um forte de defesa do litoral brasileiro. É interessante lembrar que a sua construção aconteceu durante a Segunda Grande Guerra Mundial. O Forte possui um túnel cavado no morro, com centenas de metros de extensão, onde ficavam as guarnições de artilharia.

A Base Aérea de Santos, apesar do nome, está instalada no extremo noroeste da ilha de Santo Amaro, em área desapropriada pelo Governo Federal, na região denominada Bocaina, cujos moradores foram transferidos após a desapropriação de suas casas, na década de 50, espalhando-se para outras regiões de Vicente de Carvalho, especialmente ao longo dos trilhos da ferrovia, na atual Avenida Tiago



Ferreira. O nome desta avenida foi dado ao rapaz morto durante a Revolução Constitucionalista de 1932.

A lembrança de muitos fatos, com o passar dos tempos, vão se diluindo. Guarujá foi palco de festivais de música popular, muito difundidos nas décadas de sessenta e setenta em nosso país; uma forma nova para os concursos de música.

O Guarujá sofreu um crescimento desnordeado na segunda metade do século XX, na chamada “febre imobiliária” que teve várias causas, dentre elas podemos mencionar a formação do distrito de Vicente de Carvalho, popularmente conhecido como Itapema. Recebeu o nome do santista chamado de “poeta do mar”, pelo fato de ele e sua família terem possuído extensões de terra na região.

No início do século XX, com o cais de atracação das barcas e a estação da estrada de ferro, surgiram algumas casas. A partir da década de vinte iniciou-se a ocupação por invasão de pessoas mais humildes vindas de Santos.

Com a criação de zonas industriais na Baixada Santista, o preço baixo das terras em Itapema tornou-se atrativo. Muitos novos moradores vieram para terras compradas ou invadidas. Como a região fica do outro lado do estuário de Santos, defronte à zona portuária, a região chamada “Sítio Pae Cará” intensificou o fenômeno das invasões, agravado ainda mais em 1956 após as chuvas que provocaram o desmoronamento de vários morros santistas. Os problemas sociais recrudesceram muito com o processo de migração nordestina e com o aumento do número de construções civis.

Nos anos cinquenta e sessenta do século vinte, Guarujá apresentava-se com a fisionomia urbana bastante diversa, como por exemplo: loteamentos pertencentes a famílias tradicionais da sociedade paulista como os Prados (praia de Pernambuco) e os Matarazzos (praia da Enseada); na praia do Perequê, núcleos de pescadores; já as vilas Santo Antonio, Gonzalez, Santa Rosa, Funchal e o Jardim Primavera tornaram-se núcleos populacionais densos, com residências modestas.

A moderna Guarujá do início do século XX está ligado a vários personagens históricos e do meio artístico. Frequentada por presidentes, escritores, artistas e personagens da nossa história, manteve por muitos anos o seu encanto e a fama de lugar de ricos e famosos, perfeita cidade onde o doce charme da burguesia se fazia presente.



Nas décadas de sessenta e setenta os colunistas sociais hospedavam-se no Guarujá para acompanhar o que e quem estava na moda. A chamada alta roda tinha suas casas aqui e como era comum ironizar na época, era o único lugar do mundo onde as mulheres iam de salto alto à praia. Em paralelo, os migrantes nordestinos que buscaram a cidade atrás de emprego, construíram prédios nos quais não podiam morar, mas passaram a habitar casas sem recursos, barracos à beira de rios, nos mangues ou nas encostas dos morros. Tal fato ajudou no processo de triplicação da população nas últimas três décadas do século vinte.

Alvo da especulação imobiliária, a cidade sofre até hoje suas consequências. Guarujá tem características comuns a outras cidades que sofreram um crescimento desorganizado que acarretou uma grave questão social, que por sua vez apresenta os problemas do narcotráfico e da violência, da carência de recursos habitacionais, de educação, de saúde pública, de planos ecológicos, e outros. Compreende uma classe identificável da estrutura social com desemprego por longo tempo, falta de especialização ou treinamento profissional, dependência assistencial, problemas com drogas ou alcoolismo.

De que forma poderemos formar uma consciência cidadã em nossos alunos? Implica em uma série de ações que criem meios para uma educação para a cidadania, em um processo de construção do sujeito historicamente situado. O acesso à informação não é dada a todos os cidadãos igualmente. Assim, é preciso pesquisar, informar e trabalhar as informações. Os PCNs apontam os meios:

Como se trata de estudos, em parte, sobre a história local, as informações propiciam pesquisas com depoimentos e relatos de pessoas da escola, da família e de outros grupos de convívio, fotografias e gravuras, observações e análises de comportamentos sociais e de obras humanas: habitações, utensílios caseiros, ferramentas de trabalho, vestimentas, produção de alimentos, brincadeiras, músicas, jogos, entre outros.

Considerando o eixo temático “História local e do cotidiano”, a proposta é a de que, no primeiro ciclo, os alunos iniciem seus estudos históricos no presente, mediante a identificação das diferenças e das semelhanças existentes entre eles, suas famílias e as pessoas que trabalham na escola. Com os dados do presente, a proposta é que desenvolvam estudos do passado, identificando mudanças e permanências nas organizações familiares e educacionais.

Conhecendo as características dos grupos sociais de seu convívio diário, a proposta é de que ampliem estudos sobre o viver de outros grupos da sua localidade no presente, identificando as semelhanças e as diferenças existentes entre os grupos sociais e seus costumes; e desenvolvam estudos sobre o passado da localidade, identificando as mudanças e as permanências nos hábitos, nas relações de trabalho, na organização urbana ou rural em que convivem, etc.(...)



Diante da proposta ampla de possibilidades de aprofundamentos de estudos, cabe ao professor:

- *fazer recortes e selecionar alguns aspectos considerados mais relevantes, tendo em vista os problemas locais e/ou contemporâneos;*
- *desenvolver um trabalho de integração dos conteúdos de história com outras áreas de conhecimento;*
- *avaliar o seu trabalho ao longo do ano, refletindo sobre as escolhas dos conteúdos priorizados, as atividades propostas e os materiais didáticos selecionados, para replanejar a sua proposta de ensino de um ano para o outro.*

A localidade

- *Levantamento de diferenças e semelhanças individuais, sociais, econômicas e culturais entre os alunos da classe e entre eles e as demais pessoas que convivem e trabalham na escola:*
- *idade, sexo, origem, costumes, trabalho, religião, etnia, organização familiar, lazer, jogos, interação com meios de comunicação (televisão, rádio, jornal), atividade dos pais, participação ou conhecimento artístico, preferências em relação à música, à dança ou à arte em geral, acesso a serviços públicos de água e esgoto, hábitos de higiene e de alimentação.*
- *Identificação de transformações e permanências dos costumes das famílias das crianças (pais, avós e bisavós) e nas instituições escolares:*
- *número de filhos, divisão de trabalhos entre sexo e idade, costumes alimentares, vestimentas, tipos de moradia, meios de transporte e comunicação, hábitos de higiene, preservação da saúde, lazer, músicas, danças, lendas, brincadeiras de infância, jogos, os antigos espaços escolares, os materiais didáticos de outros tempos, antigos professores e alunos.*
- *Levantamento de diferenças e semelhanças entre as pessoas e os grupos sociais que convivem na coletividade, nos aspectos sociais, econômicos e culturais:*
- *diferentes profissões, divisão de trabalhos e atividades em geral entre idades e sexos, origem, religião, alimentação, vestimenta, habitação, diferentes bairros e suas populações, locais públicos (igrejas, prefeitura, hospitais, praças, mercados, feiras, cinemas, museus), locais privados (residências, fábricas, lojas), higiene, atendimento médico, acesso a sistemas públicos de água e esgoto, usos e aproveitamento dos recursos naturais e fontes de energia (água, terra e fogo), locais e atividades de lazer, museus, espaços de arte, diferentes músicas e danças.*
- *Identificação de transformações e permanências nas vivências culturais (materiais e artísticas) da coletividade no tempo:*
- *diferentes tipos de habitações antigas que ainda existem, observações de mudanças no espaço, como reformas de prédios, construções de estradas, pontes, viadutos, diferenciação entre produtos manufaturados e industrializados, mecanização da agricultura, ampliação dos meios de comunicação de massa, sobrevivência de profissões artesanais (ferreiros, costureiras, sapateiros, oleiros, seleiros), mudanças e permanências de instrumentos de trabalho, manifestações artísticas, mudanças nas vestimentas, sistema de abastecimento de alimentos, técnicas de construção de casas e suas divisões de trabalho, as músicas e danças de antigamente, as formas de lazer de outros tempos.*

Cabe aos cursos universitários, às diretorias de ensino e secretarias de educação, de cultura, de meio ambiente, entre outras, preparar os professores para este



papel de conhecer e divulgar o passado rico da cidade, desenvolvendo uma consciência no aluno da produção da vida material, social, cultural dos atores que atuaram na edificação do presente da cidade. O acesso à educação patrimonial é fruto da ação de gestores e educadores na formação de um projeto político pedagógico escolar voltado para a cidadania.

Na formação docente deveriam privilegiar conteúdos que embasassem o conhecimento da cultura, da história e da geografia local. Nos diversos cursos que são ministrados aos professores estaduais e municipais, por que não há uma preocupação em instrumentalizar este docente com estes conhecimentos? Estas práticas poderiam significar educar para a cidadania ativa, participativa e consciente.

Não há respostas definitivas. É o início de um debate sobre as perspectivas atuais de educação, sem a intenção de encerrá-lo. Nada que já não tenha sido pensado ou dito, apenas pistas para uma análise daqueles que se interessam pela cidade do Guarujá e em uma educação voltada para o futuro.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS:

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: história*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CHESNEAUX, Jean. *Devemos fazer tábula rasa do passado?* São Paulo: Ática, 1995.

DE MASI, Domenico (org.). *A sociedade pós-industrial*. 3ª ed., São Paulo: Ed. Senac, 2000.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 6ª ed., São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 1999.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, disponível no site www.ibge.gov.br.



Jornal A Tribuna – 17/05/2009 – Mais 456 mil virão em 20 anos. Grupo A Tribuna, Santos.

Jornal da Tarde, 10/03/1976 Grupo O Estado de São Paulo, São Paulo, p. 21, 22, 23 e 24

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas-SP: Editora UNICAMP, 1996.

PETRONE, Pasquale. *Povoamento e População in A Baixada Santista - Aspectos geográficos*. Vol. II. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1965.

Relatório Pnud, disponível no site www.pnud.org.br.

SANTOS, Francisco Martins dos Santos. *Pequena História de Guarujá*. 1967/1968. Lions Clube Guarujá.

TÉTART, Philippe. *Pequena História dos historiadores*. Bauru, SP: Eusc, 2000.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado – história oral*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.